

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 10 – INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

ENTRE TERRAS E LENTES: REGISTROS IMAGÉTICOS QUE FLORESCEM A MEMÓRIA E IDENTIDADE SEM TERRINHA

BETWEEN LANDS AND LENSES: IMAGERY RECORDS THAT FLOURISH THE LANDLESS IDENTITY

Raimunda Tamires da Silva – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Izabel França de Lima – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa investiga como os registros imagéticos das memórias produzidas no assentamento e na Escola Zumbi dos Palmares contribuem para a construção da identidade coletiva das crianças Sem Terrinhas. A questão problema dessa pesquisa é: como os registros imagéticos das memórias do assentamento contribuem para a construção e o fortalecimento da identidade coletiva das crianças do Assentamento Zumbi dos Palmares? Logo, o objetivo geral visa analisar de que maneira os registros imagéticos das memórias do assentamento contribuem para a construção e o fortalecimento da identidade das crianças do Assentamento Zumbi dos Palmares. Enquanto aspecto metodológico, foi utilizada a revisão de literatura sobre registros imagéticos e identidade, articulada ao mapeamento e descrição iconográfica de fotografias que revelam o cotidiano do assentamento, atividades escolares e datas significativas para o MST na Paraíba. Portanto, esta pesquisa entende que as fotografias atuam como dispositivos de visibilidade do protagonismo das crianças da Escola Zumbi dos Palmares, fortalecendo sua identidade com o assentamento. Em suma, os registros imagéticos transcendem sua função documental e se ressignificam como instrumentos ativos na construção do sentimento de pertencimento ao contexto local.

Palavras-chave: memória e identidade; registros imagéticos; Escola Zumbi dos Palmares.

Abstract: This research investigates how the visual records of memories produced in the settlement and at the Escola Zumbi dos Palmares contribute to the empowerment and the strengthening of the collective identity of Sem Terrinha children. The central question of this research is: How do the visual records of the settlement's memories enhance empowerment and strengthen the collective identity of children in the Zumbi dos Palmares Settlement? Therefore, the general objective aims to analyze how the visual records of the settlement's memories contribute to the empowerment and strengthening of the identity of the children in the Zumbi dos Palmares Settlement. Methodologically, a theoretical review of image records and identity was conducted, integrated with the mapping and iconographic description of photographs that reveal the daily life of the settlement, school activities, and significant dates for the MST in Paraíba. Therefore, this research understands that photographs act as visibility devices for the agency of children at Escola Zumbi dos Palmares, strengthening their identity within the settlement. In short, visual records transcend their documentary function and are re-signified as active instruments in building a feeling of belonging to the local context.

Keywords: imagery records; identity; Zumbi dos Palmares School.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge do reconhecimento da importância dos registros imagéticos como extensores de memória e instrumentos de formação identitária, direcionando o olhar para o contexto singular do assentamento e da Escola Zumbi dos Palmares, reconhecendo-os enquanto espaços de resistência e criação de fatos simbólicos no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Portanto, o assentamento Zumbi dos Palmares, integrado ao MST, representa um espaço vivo de memória, resistência e produção cultural. Entre os diferentes registros dessa trajetória, as imagens ocupam um papel central na preservação de saberes, na transmissão de costumes e na reafirmação da identidade coletiva.

Diante disso, a pesquisa parte da seguinte questão problema: Como os registros imagéticos das memórias do assentamento contribuem para a construção e o fortalecimento da identidade coletiva das crianças do Assentamento Zumbi dos Palmares? Entender as especificidades do assentamento Zumbi dos Palmares se torna essencial para reconhecer e valorizar as imagens como instrumentos políticos pedagógicos, capazes de transmitir costumes, crenças e cultura, ao mesmo tempo em que reafirmam a identidade das crianças Sem Terrinhas e propagam a continuidade da luta do MST. O objetivo geral consiste em analisar de que maneira os registros imagéticos das memórias do assentamento contribuem para a construção e o fortalecimento da identidade coletiva das crianças do Assentamento Zumbi dos Palmares.

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, priorizando a análise e a reflexão crítica dos registros imagéticos. Fundamenta-se em uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de identidade e registros imagéticos, buscando criar um diálogo teórico com estudos já realizados em áreas afins. Essa revisão está conectada ao mapeamento de um conjunto de fotografias oriundas de fontes como arquivos do MST e registros da própria escola e do assentamento, que mostram a singularidade do assentamento, das atividades pedagógicas desenvolvidas na Escola Zumbi dos Palmares e das celebrações de datas comemorativas importantes para a história e a identidade do MST na Paraíba. Ademais, à descrição iconográfica e à análise interpretativa das imagens contemplaram elementos visuais, contextuais e simbólicos. Essa análise dialoga com os referenciais teóricos levantados,

permitindo compreender de que forma as imagens expressam, constroem e fortalecem a identidade coletiva das crianças Sem Terrinha.

A relevância deste estudo está na possibilidade de entender o papel multifacetado das imagens como dispositivos político-pedagógicos, capazes de criar narrativas de pertencimento, resistência e protagonismo. Portanto, ao analisar como esses registros atuam na formação das crianças Sem Terrinha, este estudo busca valorizar a identidade coletiva do MST, contribuir para práticas educativas que fortaleçam a identidade e assegurar a continuidade da luta e da história do movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra.

2 IDENTIDADE COLETIVA POR MEIO DOS REGISTROS IMAGÉTICOS

A identidade, segundo Candau (2007), é um processo dinâmico e em constante formação, que se dá no contexto das interações sociais e culturais. Ela não é acabada ou fixa, mas sim algo que se forma pelas experiências e processos dinâmicos de reconhecimento e diferenciação entre os indivíduos e seus grupos sociais. O autor destaca que a identidade é múltipla e fluida, sendo moldada pela memória, pelas representações sociais e pelos fatores históricos que envolvem cada cidadão. Destarte, as escolas do campo enfrentam diversas dificuldades que reforçam as desigualdades sociais e restringem o acesso a uma educação do campo de qualidade. A falta de infraestrutura básica, como salas de aula, bibliotecas e internet, compromete diretamente o processo de ensino-aprendizado dos/as alunos(as).

Destarte, o sujeito constrói sua identidade por meio das vivências estabelecidas com os outros, com o ambiente cultural e com os símbolos que fazem parte de sua história e do seu contexto social. Nesse sentido, a identidade é um reflexo das dinâmicas sociais, em que o sujeito, ao se perceber e se identificar, também define o seu papel dentro de um coletivo, marcado pelos valores, símbolos e práticas culturais compartilhadas. Essa abordagem de Joel Candau (2007) também enfatiza que, ao contrário de uma identidade preestabelecida, ela é um processo em aberto e diário, no qual o indivíduo é ao mesmo tempo constituído e constituinte da sua identidade social.

Contudo, de acordo com os estudos de Alvaides e Scopinho (2013), discutir sobre a identidade dos trabalhadores rurais Sem Terra e falar sobre o lugar de pertencimento desse povo do campo é sobretudo conhecer os saberes da terra e entender o tempo do Cosmo para plantar e colher. É nesse conhecimento, saber e tradição que ocorre o processo de transformação identitária dos trabalhadores(as) Sem Terra. Desse modo, o diálogo, a

convivência e o trabalho fazem parte da construção identitária do indivíduo Sem Terra, o qual está inserido em um coletivo. Acampados e assentados, eles estão unidos por um objetivo em comum: a luta pela terra e pela redistribuição dos latifúndios improdutivos. Essa é a força que rege os trabalhadores(as) Sem Terra.

Foto 1 – 14º Jornada Nacional da Juventude Sem Terra na Paraíba



Fonte: MST/Divulgação.

A Foto 1 mostra um grupo de crianças segurando uma muda de planta, com as mãos unidas sobre a terra, em um gesto de cuidado e carinho com a terra. Com uniformes escolares e com muita alegria, elas compartilham um momento de atividade extracurricular bastante simbólico, que reflete valores sociais, culturais e ambientais presentes na vivência da escola do/no campo. Mediante a aproximação com a abordagem etnográfica, é possível interpretar esse registro como uma prática pedagógica que transcende os muros da sala de aula, ao integrar saberes locais das comunidades e fortalecer o vínculo entre educação, território e identidade das crianças do campo.

Nesse contexto, o campo e a terra aparecem não apenas como espaço físico, mas como campo de experiências, vivências e aprendizagens. O gesto coletivo do plantio simboliza a valorização da agroecologia e da sustentabilidade, princípios fundamentais da educação do campo. O gesto das crianças destaca um processo educativo que considera o meio ambiente e a terra como parte integrante da base curricular, potencializando a ideia de que o conhecimento e o ensino não se limitam à sala de aula, mas se constroem também na vivência cotidiana das comunidades locais.

Nessa perspectiva, o sujeito passa por um processo de ruptura biográfica quando as primeiras instituições, família e escola, que desempenharam um papel fundamental no processo de socialização e formação pessoal, já não fazem mais sentido na sua vida social. É nesse aspecto emocional da vida humana que ocorre o desenraizamento social, diante do qual a vida perde sentido e pode causar gradativamente perda identitária, por ocasião da falta de vínculos com os saberes e crenças ancestrais. Logo, o processo de desenraizamento também pode ser afetado pela memória, pois ela é capaz de ressignificar o passado por meio dos quadros sociais do presente, reinterpretando tempos longínquo nela detidos de maneira simbólica.

De acordo com Bosi (2004, p. 16), “o vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”, isto é, a memória vivida no passado tanto manifesta as histórias de vida dos memorialistas quanto a sua percepção do tempo real.

Foto 2 – Plantio de muda de ciriguela em homenagem aos 40 anos do MST, por Dona Cecília Bernardino



Fonte: Carla Batista.

A Foto 2 retrata um vínculo intergeracional de cuidado com a terra. Uma senhora, uma criança e um adulto, vestidos com roupas simples e usando boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), estão em meio a uma área de plantio, envolvidos em uma atividade coletiva de colheita. O gesto da senhora, que guia a criança com carinho e atenção, é muito simbólico, pois representa a transmissão dos saberes do campo, a continuidade da cultura camponesa e o valor da educação feita na prática, na terra.

Aproximando-se da perspectiva etnográfica, essa foto revela a pedagogia do campo como uma prática viva, enraizada na experiência, na vivência e no pertencimento. O ambiente rural, longe das salas de aula convencionais, transforma-se em espaço de aprendizado e identidade, onde a criança é inserida não apenas no cultivo e cuidado da terra, mas também nos valores de coletividade, solidariedade e fraternidade. A presença da bandeira do MST na imagem reforça o caráter político/ideológico da atividade: cuidar da terra, transmitir e incentivar as novas gerações a fazerem o mesmo é também uma forma de reivindicar justiça social. Portanto, a senhora simboliza a memória viva da luta e dos modos de vida do campo, enquanto a criança representa o futuro que se forma por meio desses vínculos sociais e culturais, como escola, igreja, feiras e festas tradicionais.

Foto 3 – Arraiá da Reforma Agrária é uma parceria com o Governo da Paraíba e a Secult PB



Fonte: Carla Batista.

A Foto 3 foi registrada em uma feira popular de agricultura familiar, onde os/as camponeses(as) expõem e vendem alimentos orgânicos e produtos/raízes da terra, como mandioca, batata-doce, milho e abacaxi. A banca em destaque é decorada com a bandeira do MST, mostrando que a produção à venda está inserida em um contexto de luta pela reforma agrária e valorização da agricultura familiar.

Mediante a observação e leitura da imagem, percebe-se que ela expressa uma complexa rede de relações sociais e culturais que envolvem a terra, identidade, trabalho e resistência do campo. A feira não é apenas um espaço de compra, venda e trocas, mas sobretudo um espaço de afirmação política e cultural dos/as camponeses(as). Os alimentos expostos reafirmam não apenas o resultado do trabalho coletivo da terra, mas também os saberes tradicionais, o respeito à natureza e o protagonismo das comunidades rurais na construção de modelos sustentáveis de vida e de alimentação.

A mulher que está à frente, com boné e camisa escura, representa o papel central das mulheres na agricultura familiar e nos movimentos sociais do campo. Seu cuidado ao organizar os alimentos transmite não apenas dedicação ao trabalho, mas também compromisso com a luta pela terra. Como pano de fundo, a diversidade de pessoas circulando

e interagindo mostra que a feira é também espaço de encontro entre campo e cidade, promovendo o diálogo intercultural e a valorização dos modos de vida rurais.

Ademais, as fotografias apresentadas são compreendidas como registros imagéticos, pois englobam uma vasta gama de artefatos visuais que transcendem sua dimensão estética para se tornar um documento. Esses registros se transformam em documentos na medida em que preservam aspectos tangíveis das vivências e culturas, bem como memórias dos/as assentados(as), tornando-se fontes primárias de informação (Buckland, 1991; Yeo, 2006). A importância dessas fotografias está na capacidade de serem recuperados, contextualizados e ressignificados em vários ambientes informacionais, entendendo melhor os fenômenos passados e presentes.

Nesse sentido, Buckland (1991) considera que qualquer objeto ou representação que sirva como prova ou instrumento para a análise do fato real pode-se configurar como um documento. Nessa perspectiva, os registros imagéticos se revelam como fontes diretas de informação, pois inerentemente trazem consigo traços visuais de contextos sociais e grupos específicos.

Corroborando com os estudos de Buckland (1991), Yeo (2006) acredita que o valor dos registros imagéticos não se fortalece isoladamente. Ele se dissemina e se torna plenamente acessível por meio da metainformação associada tanto pelos produtores como pela compreensão dos indivíduos. Logo, todos os dados contextuais que acompanham o registro visual fornecem informações importantes sobre sua compreensão integral, facilitando seu acesso e utilização. Portanto, a organização e a classificação desses registros/fotografias em esquemas arquivísticos, que os situam em coleções temáticas adequadas, são importantes para situá-los dentro de um conhecimento geral mais amplo. Com isso, facilita-se o processo de recuperação e interpretação desses registros para os/as pesquisadores(as) e usuários da informação. Portanto, a conexão entre o conteúdo visual de um registro imagético e sua metainformação organizada e estruturada é fundamental para que seu potencial informativo seja plenamente explorado pelos usuários interessados.

Para compreender melhor os registros imagéticos enquanto documentos, podemos visualizar aqui o processo histórico de luta e conquista da Escola Zumbi dos Palmares instalado no antigo galpão de uma casa de farinha, onde foram desenvolvidas as aulas e as primeiras práticas de educação escolar no acampamento.

Foto 4 – Fachada do galpão da primeira sede da E.M.E.I.E.F. Zumbi dos Palmares



Fonte: Arquivos da Formação Continuada, UFPB.

A Foto 4 mostra o modesto galpão da casa de farinha que abrigou a primeira sede da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (E.M.E.I.E.F.) Zumbi dos Palmares, construída no assentamento Zumbi dos Palmares em Mari-PB. O prédio, em alvenaria simples, caiado em branco e azul-claro, incorpora traços arquitetônicos típicos das escolas do campo: cobertura de telha cerâmica, beiral alongado que protege da chuva e do sol e um vão livre frontal, espaço que funciona tanto como abrigo para jogos e reuniões informais quanto como “extensão” da sala de aula no ambiente externo.

A priori, o galpão adaptado para funcionar enquanto escola não oferecia condições adequadas para execução das atividades escolar. Mas as/os assentadas(os), preocupadas(os) com o desenvolvimento educacional do seu filho, começaram a buscar meios para despertar o processo educativo no acampamento. Com o passar dos anos, e por meio de muitas reivindicações, a prefeitura municipal de Mari-PB iniciou pequenas reformas no galpão, como, por exemplo, reforma na sala de aula, para adaptar o antigo galpão da casa de farinha às necessidades dos discentes e buscando melhorar as condições de infraestrutura para o funcionamento adequado da escola.

Nessas condições, a escola Zumbi dos Palmares começou a desenvolver suas atividades pedagógicas com turmas multisseriadas, pois ela possuía uma única sala de aula. Com muita luta, a prefeitura de Mari-PB realizava pequenas mudanças na pintura do prédio a cada ano.

Como fruto das reivindicações e manifestações do assentamento, o grande galpão foi subdividido com a construção de paredes, favorecendo assim a possibilidade de funcionamento de mais de uma sala de aula.

Dessarte, esse espaço foi dividido pensando em proporcionar melhores condições de ensino para as crianças assentadas. Com a ampliação dos espaços, os professores tinham liberdade para executar suas atividades educativas sem se preocupar em limita-las ao tamanho do espaço físico. Com isso, o aluno se sentia mais confortável para estudar, tornando seu processo de ensino-aprendizagem mais completo e didático. Nessa perspectiva, a reforma também contribuiu com a diminuição do número de alunos(as) desistentes durante e o ano letivo e amenizou a precariedade daquele espaço escolar.

A Foto 5 apresenta um pouco das atividades didáticas desenvolvidas na escola Zumbi dos Palmares.

Foto 5 – Atividade lúdica alusiva aos 40 anos do MST



Fonte: Acervo da autora.

O registro revela um canto de sala de aula onde, pendurados em pregadores adornados por estrelas de EVA amarelo com brilho, encontram-se desenhos e colagens que

celebram o quadragésimo aniversário do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Cada criança manipulou folhas impressas com a bandeira do MST, com a figura de um trabalhador segurando uma enxada sobre o mapa do Brasil, e aplicou pequenos quadrados de EVA vermelho, além de traços e contornos a lápis de cor.

Todavia, as atividades pedagógicas da escola Zumbi dos Palmares devem ser desenvolvidas mediante os princípios da Educação Popular do Campo, na perspectiva de Paulo Freire e na ação pedagógica do MST, uma educação que prega a humanização e emancipação dos/das assentados(as). A base comum curricular da escola segue os conteúdos curriculares delimitados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas não somente, tendo em vista incluir ainda os quatro temas geradores selecionados em conjunta participação social com os/as assentados(as), para serem trabalhados durante os bimestres.

Entretanto, quanto ao ponto de discussão sobre concepção de escola, na discussão entre educadores/as e comunidade, entendeu-se que:

[...] a Educação do Campo é um projeto educacional compreendido a partir dos sujeitos que têm o campo como seu espaço de vida. Nesse sentido, ela é uma educação que deve ser no e do campo -No, porque "o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive"; Do, pois "o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às necessidades humanas e sociais" (Caldart, 2002, p. 26).

O fato de a escola Zumbi dos Palmares estar inserida nas terras do próprio assentamento ressignifica o processo educacional no campo e a comunidade escolar passa a compreender o real significado da instituição de ensino para os trabalhadores rurais Sem Terra. Portanto, a gestão à frente da escola luta para que as políticas implementadas na escola do campo sejam distintas das políticas fomentadas para escolas da cidade. Nesse sentido, as políticas públicas destinadas aos Sem Terrinhas devem comungar com a teoria pedagógica proposta pelo Setor de Educação do MST, que influencia diretamente na formação identitária do sujeito assentado, suscitando assim o sentimento de pertencimento ao assentamento e a luta do movimento.



Fonte: Acervo da autora.

A Foto 6 retrata o interior de uma sala de aula de Ensino Fundamental I, na EMEIEF Zumbi dos Palmares. Dispostas em filas regulares, carteiras e cadeiras de metal e plástico (em tons de azul e bege) apontam para uma infraestrutura funcional, porém modesta. No quadro branco, convertidos em suporte didático, estão registradas atividades de Matemática; nas paredes verde-claras, alinham-se cartazes do alfabeto ilustrado e uma sequência numérica de 0 a 20, elementos que ajudam a construir o ambiente educativo. À esquerda, o professor acompanha o desenvolvimento dos alunos; à direita, janelas amplas permitem a entrada de luz natural e ventilação, evidenciando a adaptação ao clima local.

Logo, o acesso à escolarização, o processo de desenvolver uma pedagogia adequada aos desafios da realidade enfrentados pelos trabalhadores Sem Terra no assentamento, é fruto de um projeto social, cultural e histórico que fazem da esperança dos/as assentados(as) pautas prioritárias para o movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra e, em especial, para Setor de Educação do movimento.

Portanto, a escola Zumbi dos Palmares nasce desse processo de reivindicação por projetos de educação específicos para escola do campo, que considerem suas conquistas e lutas e valorizem a história dos camponeses e camponesas engajados na luta pela terra. Como mencionado anteriormente, a escola Zumbi dos Palmares iniciou suas atividades no período de acampamento, pois as famílias Sem Terra acampadas na Fazenda Cafundó (hoje assentamento Zumbi dos Palmares) já tinham despertado para questões políticas identitárias

do ser Sem Terra e entenderam a importância da educação na vida de seus filhos e filhas, colocando como prioridade a alfabetização dos Sem Terrinhas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada nesta pesquisa revelou a conexão entre os registros imagéticos das memórias produzidas no assentamento e na Escola Zumbi dos Palmares e o processo de empoderamento da identidade coletiva das crianças Sem Terrinha. Ao observar os registros fotográficos que documentam a identidade e as atividades pedagógicas, pode-se observar que eles transcendem sua função ilustrativa e se transformam em artefatos culturais e pedagógicos de grande relevância para a formação das novas gerações do MST.

Portanto, é necessário compreender que os registros imagéticos produzidos no assentamento e na Escola Zumbi dos Palmares são mais que meros documentos. Eles se estabelecem como poderosos dispositivos de reconhecimento e construção identitária das crianças Sem Terrinha. Todavia, ao organizar e contextualizar essas imagens, constrói-se uma memória viva que inspira práticas pedagógicas e reforça os laços com o Movimento Sem Terra, fortalecendo o protagonismo das crianças assentadas na luta pela justiça social, econômica, cultural e política.

Por fim, a pesquisa considera que os registros imagéticos são ferramentas pedagógico-políticas importantes para o fortalecimento da identidade Sem Terrinha, atuando como elos entre o passado, o presente e a construção do futuro. Portanto, é necessária a implementação de novas políticas educacionais que incorporem o cotidiano dessas crianças do campo, bem como o desenvolvimento de estudos futuros que reconheçam a importância desses registros de memórias para a construção identitária das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ALVAIDES, Natália Kerche; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. De sem-terra a Sem-Terra: memórias e identidades. **Psicologia e sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 288-297, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Ry9sDwyTKqV6XrBxrDMqXKC/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05 fev. 2025.

BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. *In*: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). **Do positivismo à desconstrução**: idéias francesas na América. São Paulo: EDUSP, 2004.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

BUCKLAND, Michael. What is a “document”? **Journal of the American Society for Information Science**, Chicago, v. 42, n. 9, p. 605-609, 1991.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2002.

CANDAU, Joel. **Identidades e alteridades**: um estudo antropológico. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

YEO, Geoffrey. Conceptual and practical problems in the construction of archival descriptions. **Archivaria**, Kingston, n. 61, p. 127-143, 2006.